

Nome: _____ N.º: _____

Endereço: _____ Data: _____

Telefone: _____ E-mail: _____



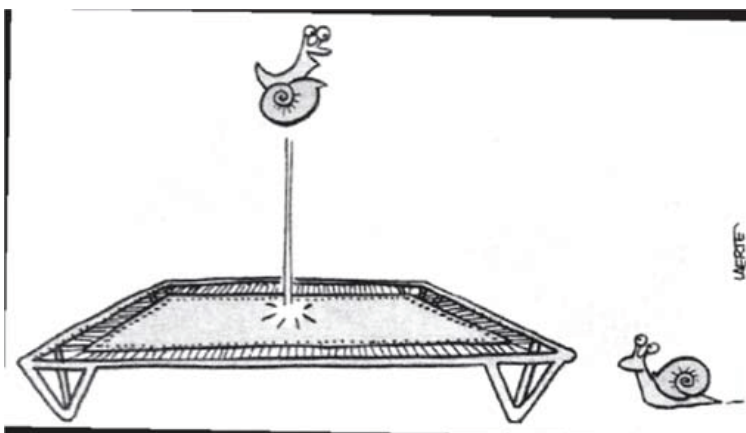
PARA QUEM CURSARÁ A 3.ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO EM 2021

Disciplina:
PORTUGUÊS

Prova:
DESAFIO

NOTA:

Texto para a questão 1.



(Exame, 28/9/2007)

QUESTÃO 1

Entre os seguintes ditos populares, qual deles melhor corresponde à figura anterior?

- a) *Cada macaco no seu galho.*
- b) *Nem tudo que balança cai.*
- c) *Quem tudo quer tudo perde.*
- d) *Com perseverança, tudo se alcança.*
- e) *Deus ajuda quem cedo madruga.*

Texto para a questão 2.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. E, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

(LAJOLO, M. "Do mundo da leitura para a leitura do mundo". São Paulo: Ática, 1993.)

QUESTÃO 2

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da "metalinguagem". Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto (...)

- a) ressaltar a importância da intertextualidade.
- b) propor leituras diferentes das previsíveis.
- c) apresentar o ponto de vista da autora.
- d) discorrer sobre o ato de leitura.
- e) focar a participação do leitor.

Texto para a questão 3.

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

(Machado de Assis. "Quincas Borba". Rio de Janeiro: Garnier, 1998.)

QUESTÃO 3

Nessa passagem do romance machadiano, Quincas Borba explica ao amigo Rubião, por meio de uma alegoria, a base da filosofia denominada "Humanitas" ou "Humanitismo". Na obra de Machado como um todo, o "Humanitismo" pode ser visto como uma (...)

- a) valorização do racionalismo da Escolástica medieval.
- b) sátira ao discurso cientificista do século XIX.
- c) crítica à crença de que a morte é libertadora.
- d) confirmação do conceito do "bom selvagem", formulado por Rousseau.
- e) demonstração da ineficácia das guerras.

Texto para a questão 4.

O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL

I. AVE-MARIAS

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

*O céu parece baixo e de neblina.
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés e a turba,
Toldam-se de uma cor monótona e londrina.*

.....

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!

(Cesário Verde)

QUESTÃO 4

Assinale a alternativa **incorreta**.

- a) O subtítulo "Ave-Marias" designa o cair da noite.
- b) Os elementos do mundo objetivo se associam ao estado subjetivo do eu lírico.
- c) A referência ao rio Tejo indica que se trata da cidade de Lisboa.
- d) O uso de linguagem objetiva e coloquial foge aos padrões do lirismo tradicional.
- e) O lirismo que parte de cenas do cotidiano banal já era corrente no Romantismo.

Texto para a questão 5.

Escorraçada de toda parte, vivendo sempre esfomeada, tendo que subsistir sem morada certa, apunhalada aqui, estrangulada ali, não desejada em verdade a não ser por uns poucos loucos humanistas e revolucionários através da história, é ridículo se representar a liberdade como uma mulher bela, um facho eternamente aceso na mão, os traços finos, a fisionomia tranquila e ativa. A liberdade é um cachorro vira-lata.

(Millôr Fernandes)

QUESTÃO 5

Sobre o texto, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Trata-se de uma crônica reflexiva que, por meio de linguagem conotativa, discute a representação corrente do conceito de liberdade.
- b) As ações verbais relativas à liberdade transformam-na numa entidade personificada.
- c) Utilizando-se de recursos de estilo, o autor deixa a impressão de que se refere a um ser animado e não a uma entidade abstrata.
- d) Não se deve dar à liberdade grande valor, representando-a como uma bela mulher, pois ela é vulgar como um cachorro vira-lata.
- e) Apenas loucos humanistas e revolucionários, ao longo da história, desejaram a liberdade.

Texto para a questão 6.

Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos, para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno.

(Marcelo Gleiser, "Retalhos cósmicos")

QUESTÃO 6

Transpondo-se corretamente para a voz ativa o trecho em destaque, obtém-se:

- a) *para que sejam instruídos por um astrônomo (...).*
- b) *para um astrônomo os instruírem (...).*
- c) *para que um astrônomo lhes instríssem (...).*
- d) *para que fossem instruídos por um astrônomo (...).*
- e) *para um astrônomo instruí-los (...).*

Texto para a questão 7.

IGNORÂNCIA E RAÇA

Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor de pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer.(...)

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras, pessoas que no Brasil consideramos brancas. (...)

(...) Para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos. Nada mais primário!

(Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*, abril de 2006)

QUESTÃO 7

Para o autor, (...)

- a) a raça nasce da ignorância.
- b) não há por que se orgulhar de pertencer a alguma raça.
- c) nem todas as raças podem ser motivo de orgulho.
- d) todas as raças merecem desprezo.
- e) a raça leva as pessoas a sentimentos menos nobres.

Texto para a questão 8.

Texto I

(...) No lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam irradiações da inteligência. (...) O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem. (...)

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.

Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças, que, tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.*

(José de Alencar, "Senhora")

*pedantismo: nome a que se dá ao fato de alguém ostentar conhecimento que não possui.

Texto II

Aquela pobre flor de cortiço, escapando à estupidez do meio em que desabotoou, tinha de ser fatalmente vítima da própria inteligência. À míngua de educação, seu espírito trabalhou à revelia, e atraícoou-a, obrigando-a a tirar da substância caprichosa da sua fantasia de moça ignorante e viva a explicação de tudo que lhe não ensinaram a ver e sentir.

(...)

Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo dinheiro que a vítima pudesse dar de si.*

(Aluísio Azevedo, "O cortiço")

*medrou: cresceu.

QUESTÃO 8

Os textos I e II, apesar de pertencerem a movimentos literários diferentes, assemelham-se, ao pôr em destaque (...)

- a) a miséria em que a jovem se encontra.
- b) a juventude da personagem.
- c) a ambição da jovem.
- d) o caráter caprichoso e audacioso da moça.
- e) a sagacidade da personagem descrita.

Utilize os textos a seguir, para responder as questões 9 e 10.

Texto I

BARREIRA DA LÍNGUA

Cenário: um posto de saúde no interior do Maranhão.

– Buenos días, señor, o que siente? – pergunta o médico.

– Tô com dor no bucho, comi uma tapioca reimosa, me deu um empachamento danado. Minha cabeça ficou pinicando, deu até um farnizim no juízo.

– Butcho? Tapiôka? Empatchamiento? Pinicón? Far new zeen???

O trecho acima é de uma piada que circula no Hospital das Clínicas de São Paulo, sobre as dificuldades de comunicação, que os médicos estrangeiros deverão enfrentar, nos rincões do Brasil. (...)

(Cláudia Colucci, Folha de S.Paulo, 03/07/2013.)

Texto II

No texto "Barreira da língua", a jornalista Cláudia Collucci reproduz uma piada ouvida no Hospital das Clínicas, em São Paulo, para criticar a iniciativa do governo de abrir a possibilidade de que médicos estrangeiros venham a trabalhar no Brasil. Faltou dizer duas obviedades ululantes para qualquer brasileiro:

- 1) A maioria dos ilustres médicos, que trabalham no Hospital das Clínicas, teria tantas dificuldades quanto um estrangeiro, para entender uma frase recheada de regionalismos completamente desconhecidos, nas rodas das classes média e alta, por onde circulam;*
- 2) A quase totalidade deles não tem o menor interesse em mudar para uma comunidade carente, seja no interior do Maranhão, seja num vilarejo amazônico, e lá exercer sua profissão. (...)*

(José Cláuver de Aguiar Júnior, "Painel do leitor", Folha de S.Paulo, 04/07/2013)

QUESTÃO 9

A frase inicial da piada apresentada no Texto I, atribuída a um fictício médico estrangeiro que teria vindo trabalhar no Brasil, permite inferir que esse profissional (...)

- a) só pode ter vindo ou de Cuba ou de outro país da América Latina.
- b) é falante nativo da língua portuguesa, embora não brasileiro.
- c) certamente é brasileiro, mas formou-se fora do Brasil.
- d) só pode ter vindo de um país de origem germânica.
- e) é falante ou tem conhecimentos da língua espanhola.

QUESTÃO 10

De acordo com o Texto II, os regionalismos usados na piada transcrita no Texto I, (...)

- a) seriam de difícil compreensão para qualquer brasileiro.
- b) demonstram variações geográficas e sociais do idioma.
- c) são imprecisos, pois são usados apenas em comunidades carentes.
- d) dificultam a comunicação apenas entre brasileiros e estrangeiros.
- e) indicam que o português é falado do mesmo modo em qualquer lugar.

Observe a charge a seguir, para responder a questão 11.



(Folha de S.Paulo, 05/07/2013)

QUESTÃO 11

Assinale a alternativa que contenha um fragmento poético, que apresente o mesmo tipo de preocupação do cartunista.

- a) *Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza
E imprime em toda flor sua pisada.
Oh, não aguardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.*

(Gregório de Matos)

- b) *Gastei uma hora pensando num verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.*

(Carlos Drummond de Andrade)

- c) *Oh, eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre que embalsama os ares,
Ver minha alma adejar pelo infinito
Qual branca vela na amplidão dos mares.*

(Castro Alves)

- d) *Entre estas Índias de Leste
E as Índias ocidentais
Meu Deus que distância enorme
Quantos Oceanos Pacíficos
Quantos bancos de corais
Quantas frias latitudes!
Ilhas que a tormenta arrasa
Que os terremotos subvertem
Desoladas Marambaias
Sirtes sereias Medeias
Púbis a não poder mais
Altos como a estrela d'alva
Longínquos como Oceanias*

(Manuel Bandeira)

e) *Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.*

(Vinícius de Moraes)

Texto para a questão 12.

SOTAQUE CARIOCA

Quando estive aqui pela primeira vez, no início dos anos 1960, (...) o escritor cubano Guillermo Cabrera Infante se encantou com o sotaque carioca – sobretudo com o das cariocas. Pareceu-lhe semelhante demais ao de Havana.

Delírio auditivo de Cabrera Infante, que se orgulhava de ter conseguido, no romance "Três Tristes Tigres", transpor o enunciado oral havanês para o registro escrito? Não. Desde que lá também se faça chiado o S, traço mais marcante no falar do Rio. Nosso famoso chiado teria sido introduzido pela corte de dom João VI. Já por volta de 1860, baianos podiam distinguir a fala "bastante aportuguesa" do sotaque carioca, que, com o tempo, incorporou elementos africanos – daí a conexão com Havana.

Sotaque, seja daqui ou de alhures, é natural. Pode-se ter orgulho dele, invejar ou fazer chacota. E pode-se – caso dos jogadores de futebol que vão para o exterior – perdê-lo para sempre. O estranho é virar "patrimônio cultural de natureza imaterial", como na lei agora aprovada na Câmara Municipal, que ainda depende da sanção do prefeito.

(...)

A rigor, falar como carioca não quer dizer nada além do óbvio. O que interessa é o que falamos e como agimos.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/alvaro-costa-esilva/2015/07/1651992-sotaque-carioca.shtml>. Acesso em 16/04/2016.)

QUESTÃO 12

Toda língua apresenta uma sonoridade própria, uma certa musicalidade que a distingue e a torna reconhecida, mesmo por quem não a fala. Em relação ao sotaque carioca, o cronista defende que (...)

- a) o tratamento diferenciado é desnecessário, já que a ocorrência de sotaques é inerente a qualquer idioma.
- b) a semelhança com o sotaque cubano remonta ao processo de colonização portuguesa.
- c) o marcante chiado produzido pelo S confere charme inigualável à língua portuguesa.
- d) a impossibilidade de mimetizar os traços da oralidade torna inútil a lei aprovada pelos vereadores.
- e) a pronúncia peculiar dos moradores do Rio de Janeiro é motivo de orgulho para turistas cubanos que visitam o Brasil.

Textos para a questão 13.

Texto A

Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

Texto B

Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem.

QUESTÃO 13

Os trechos anteriores, do romance *“Memórias Póstumas de Brás Cubas”*, de Machado de Assis, apresentam, ambos, predominantemente linguagem de idêntica função, ou seja, função:

- a) *metalinguística*, por explicitar os conteúdos do livro e explicar a forma de produção de seu estilo.
- b) *conativa*, por incidir persuasivamente sobre o leitor e convencê-lo da verdade da obra.
- c) *poética*, por usar significativo processo de seleção e de combinação das palavras, caracterizando a montagem estética do texto.
- d) *referencial*, por informar predominantemente sobre a filosofia do livro e os movimentos pachorrentos do autor.
- e) *fática*, por tentar, por meio da literatura, estabelecer contato com o receptor.

Texto para a questão 14.

APELO

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite e eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham.

Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

(Dalton Trevisan)

QUESTÃO 14

Assinale a alternativa em que há **predicado nominal**.

- a) ... o leite primeira vez coalhou.
- b) A notícia de sua perda veio aos poucos...
- c) Toda a casa era um corredor deserto...
- d) ... fui beber com os amigos.
- e) E comecei a sentir falta das pequenas brigas...

QUESTÃO 15

A narração dos acontecimentos em “*Dom Casmurro*”, de Machado de Assis, se faz em primeira pessoa; portanto, do ponto de vista do personagem Bentinho. Seria, pois, correto dizer que ela se apresenta (...)

- a) fiel aos fatos e perfeitamente adequada à realidade.
- b) viciada pela perspectiva unilateral, assumida pelo narrador.
- c) perturbada pela interferência de Capitu, que acaba por guiar o narrador.
- d) determinada pela visão de José Dias, que sempre fora desfavorável a Capitu.
- e) oscilante, entre a tentativa de relatar fielmente os fatos e a confessa incapacidade de fazê-lo.